

## Roda de Choro Curitibano: significados e sentidos

### MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

### SIMPÓSIO: Choro no sentido lato

Cláudio Aparecido Fernandes  
UERJ - [fernandesviolao@gmail.com](mailto:fernandesviolao@gmail.com)

Resumo. A pesquisa tem o objetivo de abrir caminhos e possibilidades para reflexão de aspectos sociais e subjetivos à “Roda de Choro” na cidade de Curitiba; “personae” e personagens, processos de socialização e construção de posicionamentos identitários, relações humanas, interpretação, “performance” e repertório utilizando a metodologia de observador participante sobre a prática musical e o pensamento cultural buscando entender como funciona esse “organismo social” que mantém o Choro vivo desde seu nascimento - a Roda de Choro.

Palavras-chave. Choro Curitibano. Práticas Musicais. Rodas de Choro. Roda de Choro em Curitiba.

#### CHORO CIRCLE IN CURITIBA: MEANINGS AND SENSES

Abstract. The aim of the research is opening ways and possibilities for thinking of the “Choro Circle” social and subjective aspects in Curitiba city; personae and characters, socializing processes and identity positions construction, human relationships, interpretation, performance, and repertoire by using the participant observer methodology about the musical practice and the cultural thought, seeking to understand how this “social organism” works and keeps the Choro music alive ever since its beginning – the Choro Circle.

Keywords. Choro in Curitiba. Musical Practices. Choro Circles. Choro Circle in Curitiba.

#### 1. Introdução

Genericamente, a roda de choro é um ponto de encontro freqüentada por instrumentistas, ouvintes e apreciadores do gênero realizada informalmente, como forma de treinar o repertório, improvisos, apresentar novas composições, podendo ser realizada em bares, clubes, em casa, ao ar livre, qualquer ambiente, não há um lugar específico. As Rodas acabam tornando-se um lugar de trocas. Em Curitiba, atualmente acontecem várias rodas: no Conservatório de Música Popular Brasileira desde 2003, toda 5ª feira a tarde; na Feira do Largo da Ordem, mais conhecida como “Praça”, aos domingos a partir das 10h30 as 12h com o Grupo Choro e Seresta, a mais de 40 anos no mesmo lugar, no pátio da Faculdade de Artes do Paraná-FAP 2003 a 2011, as quartas-feiras no período da tarde, no Bistro do Parque Barigui aos sábados das 14h as 17h30 por mais de 10 anos consecutivos, no período do Festival de Música, no mês de Janeiro, todos os dias e eventualmente na casa de um músico, geralmente aos domingos a tarde.

O Choro é uma manifestação cultural consolidada, a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX em razão do surgimento das bandas militares e das Jazz

Bands. (PETERS, 2005, p.61) Um dos ambiente colaborativos para o choro, assim como as Rodas, foi o rádio. Na década de 1920 foi inaugurada a rádio Clube Paranaense, terceira mais antiga do Brasil. As rádios tinham auditório, as programações eram ao vivo e os cantores da época eram acompanhados por orquestras ou pequenos grupos chamados Regionais. Os Regionais eram formados por instrumentistas do Choro, incumbidos de acompanhar e fazer toda a programação inclusive as vinhetas. A rádio Clube Paranaense de 1934 a 1939 manteve o Regional do “Irmãos Otto” (FERNANDES, 2011, p.70). Os Regionais em sua grande maioria, não tinham leitura musical, tocavam de cor. Em uma conversa com seu Moacyr Azevedo (1925-2019), cavaquinista do Regional mais antigo de Curitiba - Choro e Seresta e integrante de um dos Regionais na década de 1940, confirmou o fato. Falou que o único músico que tinha leitura musical era o flautista, os demais, não sabiam ler música. Como faziam para decorar os choros? - Aprendemos ouvindo os Regionais no rádio, repetindo e repetindo. O que ocorria nas rádios eram verdadeiras Rodas de Choro”, improvisos. Em Curitiba o Regional do Janguito do Rosário foi um dos mais conhecidos e atuantes no cenário local a partir da segunda metade da década de 1940 até mais ou menos 1980, famoso por acompanhar grandes estrelas que vinham lançar discos na capital do Paraná.

Enquanto instrumentista, iniciamos como ouvinte frequentando as diversas rodas de choro na década de 1990 em Curitiba e depois como aluno de violão do Conservatório de Música Popular Brasileira, mais tarde participando efetivamente das rodas de choro. Toda essa convivência nos levou e instigou-me a investigar os significados e sentidos na Roda de Choro. Levou-me a questionar o por que grande parte dos estudos levantados até o presente momento a respeito de Choro e/ou Roda de Choro no Brasil conduzem basicamente à ótica eurocêntrica, relegando a contribuição afro-brasileira somente aos “batuques”, “suingue”. Por quê?

## 2. Os primeiros passos ...

Este trabalho apresenta os primeiros levantamentos da pesquisa de doutorado. Diante das interrogantes, as reflexões conceituais de Muniz Sodré, Stuart Hall, Mukuna Kazadi, nos faz repensarmos a respeito da identidade negra no Brasil, nos processos de socialização, na construção de posicionamentos identitários, nas relações humanas; preconceitos que permeiam as relações etno-raciais pouco exploradas no contexto do gênero Choro, como mencionei anteriormente prevalecendo prioritariamente a ótica eurocêntrica.

Diante dessa problemática Stuart Hall, sociólogo jamaicano, elucida que os vínculos etno-raciais são constituídos a partir de significações sociais e estruturação de imagens.

A representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, o eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas. (HALL, 1997, p.61)

Hall, nos faz refletir que a Roda de Choro ajuda-nos a dar sentido as relações humanas construídas a partir dela, vivenciando processos. No Brasil, para produzir uma ideia de nação desenvolvida, a elite brasileira com a abolição da escravatura na tentativa de eliminar um problema que por quase quatro séculos sustentou ou foi a base econômica do país, tentou apagar o negro, ofuscando suas culturas, suas crenças, seus ancestrais, negando suas raízes. “O abolicionismo da elite branca fazia trânsito histórico do racismo de dominação para o de exclusão: o homem concreto, o povo, seria socialmente discriminado, excluído, mas formalmente realocado num padrão culto de inspiração europeia” (SODRÉ, 1999, P.79). Infelizmente nos registros da história de Curitiba constam vestígios na tentativa de apagamento do preto, desde o século XVII. Conforme Prosser:

Nas estatísticas referentes à população do Paraná nos séculos XVII e XIX, percebe-se que a presença do negro era bem menor nesta província que em outras regiões do país. Sua percentagem em relação ao total da população foi progressivamente diminuindo, à medida que aumentava a entrada do imigrante europeu. Isto terá grandes implicações, posteriormente, nas questões da identidade cultural da região, contrastando-a com a de outros estados e, mesmo, com a da maior parte do país. “Em, 1890, primeiro recenseamento feito sob o regime republicano, [...] a população paranaense era de 294.491 habitantes, sendo 5,17% o coeficiente de negros, uma das três menores porcentagens dentre as de todos os Estados, sendo em São Paulo de 12,97% no Distrito Federal [Rio de Janeiro] de 26,79% na Bahia de 20,30% ... (PROSSER, 2004, p.36)

Os dados atualizados sobre o percentual de negros em Curitiba é de aproximadamente 28% de uma população de 1,7 milhão, resultando em quase 500 mil pessoas, um número bastante expressivo.<sup>1</sup> Reafirmam o retrocesso sócio-cultural em detrimento de uma minoria, sobretudo diante dessa realidade estamos em processo de trabalho de campo, coletando e

---

<sup>1</sup> <https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta/humaita>

O Centro de Estudo e Pesquisa da Arte e Cultura Afro-brasileira - Centro Cultural Humaita foi criado como uma resposta ao racismo institucional e velado que promove o apagamento identitário e cultural dos afro-paranaenses, desenvolvendo ações nas áreas de arte, cultura, educação e advocacy, visando valorizar e dar visibilidade a esta parcela de 28% de negros paranaenses.

conjugando dados, analisando-os sob uma perspectiva etnomusicológica, organizando e recolhendo dados para explorá-los mais adiante e relatá-los. (CAMPOS, 2002)

### 3. Roda de Choro

A Roda de Choro para o instrumentista é um ambiente sagrado, espaço de memória, onde os códigos existentes são compreendidos por quem está dentro não somente como ouvinte mas como participante ativo. A Roda é hermética, só toca se for convidado. Quando um instrumentista chega em um Roda pela primeira vez sem um convite prévio aguarda chamá-lo ou um sinal para poder participar, seja tocando ou cantando. Enquanto isso não acontece aguarda como um jogador na lateral do campo a ordem do árbitro para entrar. Toda Roda tem um “líder”, e esse não necessariamente precisa ser conhecido por todos como tal, sua função pode ser por experiência de vida, pela idade, pela destreza no instrumento, por ser o dono da casa e/ou lugar. A Roda é um ritual, uma cerimônia que privilegia o olhar, quando inicia-se uma obra por motivo nenhum deve ser interrompida, salvo por força maior. Se o ambiente da Roda acontece em um bar, geralmente as bebidas são liberadas aos instrumentistas participantes. Nas Rodas não importa a classe social, credo religioso, gênero, cor, não importa, cultua-se com primazia o binômio música-dança, ocorre as migrações transculturais, apropriações, estimula-se a interculturalidade, trocas mútuas de influências, respeita-se os aspectos significativos das relações público-participante, pesquisador-pesquisado. Uma das Rodas de Choro mais antigas de Curitiba ocorre em um dos pontos tradicionais da Cidade, no Largo da Ordem na Feira de Artesanato com o Grupo Choro e Seresta e convidados a mais de 40 anos todos domingos. Sobre o encontro de chorões, Alexandre Gonçalves Pinto, publicou em 1936 - O Choro: reminiscências dos chorões antigos, relatando crônicas e memórias sociais de personagens do choro a partir de 1870, no capítulo um - Os Choros - “Quem não conhece este nome? Só mesmo quem nunca deu naqueles tempos uma festa em casa.” (GONÇALVES PINTO, 2009, p. 11). Por meio da pesquisa participante, John Blacking, Gérard Béhague, Livingston-Isenhour e Tony Seeger, propõem-nos ferramentas capazes de entendermos como acontecem as interpretações, trocas de informações, como se dão os saberes adquiridos, as performances e repertório propiciando bases iniciais ajudando-nos a identificar como funciona esse “organismo social” que mantém o Choro vivo.

### 4. Considerações finais

Em vista dos argumentos apresentados constatamos que na literatura nacional e internacional há uma quantidade vasta de artigos científicos publicados sobre Roda de Choro, entretanto, quando se busca a abordagem referente à contribuição negra, etno-raciais na formação do Choro, os estudos tornam-se menos freqüente e difíceis de serem encontrados.

Podemos considerar a Roda de Choro como um processo de reelaboração cultural da forma ou “jeito” de executar as danças vindas para o Brasil com as etnias africanas, europeias e pelos nativos locais, na forma como executavam o repertório brasileiro, baseados na tradição oral. Dentro dessa configuração a “roda” de certa forma evoca o que recebeu das gerações anteriores, uma forma de homenagear os antepassados, embalada por improvisos entre *personae* e personagens construindo relações humanas. Sob o conceito etnomusicológico, da música contextualizada, abordado por Blacking, Béhague e Livingston-Isenhour, as bases iniciais nos levaram à compreensão do funcionamento do “organismo social” - Roda de Choro.

A busca pelo entendimento da Roda de Choro Curitibano: significados e sentido, foi de fundamental importância nos fazendo visitar conceitos sob uma perspectiva social, cultural e identitária e, nessa fase inicial está nos servindo para realizar analogias a fim de observar os sujeitos pertencentes à Roda de Choro. Neste sentido as considerações finais até o presente momento apresentam lampejos de uma investigação que certamente carecem de mais análises, novas reflexões, de um debruçar constante sobre o objeto de pesquisa. Por fim, o intuito final deste estudo é poder contribuir para o acervo da música brasileira, agregando ao Choro, ou àquilo que mantém o Choro vivo - a Roda de Choro, bem como seus elementos constitutivos, a dança, a instrumentação, interpretação, performance, repertório, prática musical e também dar voz às “*personae*” e personagens, as relações humanas e ressignificando os processos de socialização e construção de posicionamentos identitários na Roda de Choro Curitibano.

#### Referências

BÉHAGUE, Gérard. “Os antecedentes dos caminhos da interdisciplinaridade na etnomusicologia”, em Anais do II Encontro Nacional da Abet, CNPq/Contexto, Salvador. 2004.

BLACKING, John. *Music, Culture and Experience: selected papers of John Blacking*. Chicago, Londres: The University of Chicago Press, 1995.

CAMPOS, Márcio D'Olne. Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e práticas? In: AMOROZO, Maria C. de Mello; MING, Liu Chang; SILVA, Sandra Pereira da (Orgs.).

Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. Rio Claro: UNESP/CNPq, 2002. p. 47-92.

HALL, Stuart. The Work of Representation. In: \_\_\_\_\_. Representation, Cultural Representations and Signifying Practices. Londres/Nova Deli: Thousands Oaks/Sage, 1997.

HUMAITA, Centro Cultural Humaita. Disponível em < <https://linhapretacuritiba.wixsite.com/linha-preta/humaita> >. Acesso em 31 de ago. 2020.

LARA FILHO, I. G.; SILVA, G. T. da; FREIRE, R. D. Análise do contexto da Roda de Choro... Per Musi, Belo Horizonte, n.23, 2011, p.148-161.

LIVINGSTON-ISENHOOR, Tamara E.; GARCIA, Thomas G. C. Choro. A Social History of a Brazilian Popular Music. Indianapolis: Indiana University Press, 2005, 254 pp.

MUKUNA, Kazadi Wa. Contribuição Bantu na Música Popular Brasileira: perspectivas etnomusicológicas. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

PETERS, Ana Paula. De ouvido no rádio: os programas de auditório e o choro em Curitiba. 2005. fl.118. Dissertação de Mestrado defendida em Sociologia na Universidade Federal do Paraná, Orientador: Profa Dra. Ana Luisa Fayet Sallas.

SODRÉ, M. Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.